

# O PAPALAGUI

Organizador: Scheurmann, E; Marco Zero, RJ

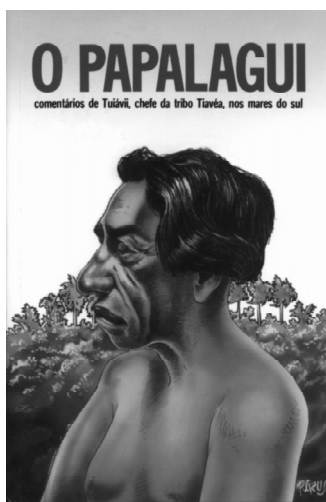
Resenha: Cleonice de Sales Forastiero e Eliane Mara Alves Chaves

Papalagui (pronuncia-se Papalágui) significa estrangeiro, homem branco; traduzido literalmente, é aquele que furou o céu. O primeiro missionário europeu a desembarcar em Samoa chegou num veleiro branco. Os nativos, vendo o veleiro de longe, pensaram que as velas brancas fossem um buraco pelo qual, furando o céu, o europeu tinha aparecido.

O livro relata os comentários de Tuiávii. Tuiávii vivia nos mares do sul, na pequena ilha de Upolu, que faz parte do arquipélago de Samoa, na aldeia Tiavéa, da qual ele era senhor e chefe mais importante. Tuiávii desejava conhecer a Europa longínqua desde que freqüentava a escola dos missionários, mas isto só se realizou quando ele era adulto.

Você deve estar se perguntando: e o que esta história está fazendo numa referência de leitura de uma revista psicopedagógica? Pois bem, vamos tentar responder por que esta maravilhosa leitura fez pensar na Psicopedagogia.

Com um grupo teatral popular que viajava pelo continente, Tuiávii visitou todos os países europeus. Durante a sua observação, ele nunca deixou seu próprio ponto de vista; possuía o mais alto grau, o dom da imparcialidade que marcava um conhecimento e uma aprendizagem próprios de sua cultura.



Erich Scheurmann demorou cinco anos para convencer Tuiávii a deixá-lo escrever sobre seus comentários a respeito do Papalagui ao seu povo (e só o fez porque Erich tornara-se membro de sua comunidade, "amadurecera para a singeleza de sua sabedoria"), e depois a publicá-los, já que se destinavam inicialmente aos seus compatriotas polinésios.

Você deve continuar se perguntando: e o que nesta história pode se relacionar com a Psicopedagogia? TUDO! Pois

tudo o que acontece ao nosso redor é passível de aprendizagem e, diante dela, encontramos a nossa maneira própria de aprender, única, individual, assim como Tuiávii.

Ao passar este conhecimento ao seu povo, de forma simples e com um entendimento próprio, ele nos desnuda (a nós também, como ocidentais, com herança européia) a partir de outra perspectiva, com um olhar puro, de um indivíduo profundamente ligado à natureza; obriga-nos a refletir um pouco sobre como nós, Papalaguis, construímos a nós mesmos.

Num texto reflexivo, e por vezes engraçado, Tuiávii passa para o seu povo o conhecimento que adquiriu com uma estrutura própria, como um professor que valoriza o meio cultural, suas raízes. Não usa as palavras com as quais estamos acostumados para a descrição; o faz tentando traduzir para si os objetos, os usos, os sentimentos do Papalagui e de sua cultura, a partir de analogias com elementos de sua experiência.

Eliane Mara Alves Chaves, Av. Agostinho Leão Jr. 37 – 80030-110 – Curitiba - PR - (41) 363.1500 / 352.9193  
elianechaves@mps.com.br/

São vários capítulos que tratam de vestimentas (Como o Papalagui cobre a sua carne com muitas tangas e esteiras); de casas, ruas, cidades (Dos baús e fendas de pedra e do entre eles existe); de dinheiro e riqueza (Do metal redondo e do papel pesado); de bens e propriedade (As coisas em quantidade empobrecem o Papalagui); do tempo (O Papalagui não tem tempo); do uso dos bens da natureza (Deus ficou mais pobre por causa do Papalagui); de espiritualidade (O Grande Espírito é mais forte do que o Papalagui); de atividade humana e trabalho (Da profissão do Papalagui e da confusão que ela provoca); de cinema e ilusão (Do lugar onde a vida é de mentira e dos muitos papéis); do acúmulo de informações (A grave doença que é pensar sem parar); da globalização (O Papalagui quer nos arrastar para a escuridão em que vive).

Tuiávii comenta desde como nos vestimos até a escuridão em que vivemos. "Tolo, cego é o branco, que não sente o prazer verdadeiro, ele que precisa cobrir-se tanto para evitar se envergonhar".

Tuiávii fala de nossas moradias, frias e solitárias, assim como do nosso relacionamento distante, e passa-nos uma lição, uma aprendizagem de vida, quando diz: "Deixemos ao Papalagui a sua felicidade duvidosa, mas vamos obstar-lhe toda a tentativa de construir baús de pedras em nossas praias ensolaradas e de matar a nossa alegria de viver com pedras, fendas, sujeira, barulho, fumaça e areia, conforme ele pensa e quer".

Comenta sobre a nossa verdadeira divindade, "o dinheiro": o homem vive e corre por ele; por isso, vive angustiado, entristecendo o coração e a alma. Segundo observação de Tuiávii, o dinheiro jamais ajudou realmente homem algum a ser mais alegre, mais forte, mais feliz.

Para o chefe Tuiávii, "Nunca existe mais tempo do que aquele que vai do nascer ao por do sol". Porém, isto não é suficiente para o Papalagui, que nunca está satisfeito com o tempo.

Define a profissão como "fazer sempre a mesma coisa, e tantas vezes que consegue fazê-la de olhos fechados e sem esforço algum".

Tuiávii pede a ajuda de Deus, para que a luz do Papalagui não cegue e nem leve seu povo ao erro e ao desamor.

É um livro de leitura rápida, pela expectativa de se chegar ao fim; relata sobre nós e provoca a reflexão sobre algumas questões que não percebemos no nosso dia-a-dia e que, muitas vezes, fazemos sem questionar a verdadeira função ou o valor.

Sua relação com a Psicopedagogia se estabelece na medida em que fala em diversidade, em diferenças, em aprendizagem.

Esses comentários, recolhidos por Erich Scheurmann, permitem conhecermos da forma como outra cultura nos vê. De maneira muito simples, revela-nos o que, na maioria das vezes, somos incapazes de perceber; revela-nos também outras necessidades, aprendizagens e dificuldades, que podemos perceber tanto em nós mesmos como no outro. É uma forma de alerta! É um pedido de aceitação e de mudança, de transformação!